

## O CAIÇARA

### ROMANCE DE OTREBOR OZODRAC

#### AGRADECIMENTO:

LOUVO E AGRADEÇO A TODOS OS QUE ME INCENTIVARAM A SEGUIR NESTA SENDA. COMO ESCRITOR, SINTO-ME COMO SENDO UM SER ESPECIAL, QUE ATRAVEZ DA ESCRITA, SE REALIZA PLENAMENTE, COMO SER VIVENTE.

ESCREVER É ALGO INDIZIVEL, É UM HOPIO, QUANDO COMEÇAMOS NÃO CONSEGUIMOS PARAR. É UMA TORRENTE DE IDEIAS, QUE EM CERTOS MOMENTOS NÃO TEMOS CAPACIDADE DE ESCREVÊ-LAS. OCUPAMOS NOSSA EXISTÊNCIA DE UMA FORMA COMPLETA E ABSOLUTA, SOMOS O QUE DESEJAMOS SER, NOS VESTIMOS NA PELE DOS PERSONAGENS E VIVEMOS COMO ELES AS SUAS AVENTURAS E DESVENTURAS, CHEGAMOS A SOFRER COMO SE ELES FOSSE, FICAMOS ALEGRES QUANDO NO FINAL CONSEGUIMOS TORNAR TODOS FELIZES E PUNIR TODOS OS CULPADOS.

O CAIÇARA  
OTREBOR OZODRAC  
PRÓLOGO

Existe uma teoria de que o cérebro humano possui dois tipos básicos de memória: a memória de trabalho (consciente, voluntária) e a memória remota. Uma das habilidades do cérebro é salvar informações sobre a experiência, sejam emoções ou pensamentos, em uma dimensão que transcende o indivíduo. Essas informações são capturadas por um singular campo informacional que faz parte do Universo. Poucas pessoas são capazes de acessar informações contidas nesse campo. Esse campo é responsável por transportar-nos ao passado ou enviar-nos ao futuro, como uma visão capturada no presente. Aparições de pessoas falecidas, saltos repentinos ao futuro, com uma visão prévia do futuro e na maioria dos casos sobrenaturais inexplicáveis. Li certa vez, não sei onde que: quando uma ideia muito forte obseda uma criatura no momento de morrer, basta isso para mantê-la presa a este mundo material, tornam-se verdadeiros anfíbios desta vida e da outra, e capazes de passar de uma para outra como a tartaruga passa da água para a terra quem não é um sensitivo? Quem nunca sentiu um “**já visto**” antes. Você já foi adiante do tempo — futuro, já viajou para o passado, tem visões, sonhos e conhecimento de muitos fatos do dia a dia, mas não conta a ninguém com **MEDO** de ser interpretado como doido! caso do herói desta

história o Caiçara, que na língua tupi guarani, quer dizer quem habita o litoral.

Ao ler este livro e interpretar as informações nele contidas, procure ficar aberto e receptivo aos seus ensinamentos e percepções com relação ao alcoolismo, bem como às suas reações às peripécias vividas pelo personagem principal “O Caiçara”. Talvez você queira passar primeiro os olhos pelo livro para sentir as informações que ele contém. Procure lê-lo lentamente, parando para analisar cada capítulo.

Não se apresse, elabore seus pensamentos e sentimentos sobre as informações e o que você está lendo.

O assunto compulsão, seja por jogos ou pela bebida, é muito sério, sendo aqui apresentado de uma maneira que lhe permite desvendar e explorar suas anuências da maneira mais convincente para você.

Deixe que as experiências dos personagens sejam o seu guia, na vida verdadeira.

Os casos e personagens deste texto são fictícios, qualquer semelhança, com casos ou pessoas reais terá sido coincidência. Tudo o que aqui é narrado é fruto do imaginário do autor.

O CAIÇARA

## CAPITULO I –

### A CHACINA NO sítio

ANO DE 2009 — NA CIDADE DE RIO GRANDE.

Ele a pegou com brutalidade e a jogou no chão, logo subiu em cima dela, pegou um tijolo que estava por perto e a golpeou, ela para se defender colocou as mãos na cabeça, cobrindo a face, o artefato atingiu-a sobre as mãos, outros golpes se sucederam.

Sai afoito rumando para a casa que distava a uns cem metros, no caminho pega uma acha de lenha em uma pilha, ao chegar a casa, desfecha varias paulada no homem logo vem à mulher que também é abstida a pauladas.

Naquela tarde o termômetro marcava trinta e oito graus e três décimos. O escritório da delegacia de polícia estava tão quente que era quase impossível trabalhar, o ar condicionado havia estragado e o conserto tinha atrasado.

Um ventilador de teto coberto de ferrugem movimentava o ar quente e gemia lamurienta mente a cada volta. Lá fora, pairava um mormaço predecessor de chuvas, talvez tempestade de novembro. Era como se a Terra estivesse morrendo de embolia.

O telefone toca.

— Alo é da delegacia de polícia?

— Sim, o inspetor Rodrigão falando.

— Aqui fala José Leotário Silveira. Eu acabo de chegar ao meu sítio e encontrei o casal de agregados mortos. Aparentemente por pauladas.

— Não mecha em nada e diga onde fica o sítio, senhor José.

— Fica na estrada que vai da Quinta para Povo Novo, é só cruzar a vila pela rua principal, logo ao passar por um pontilhão, na primeira entrada a esquerda.

— Estamos indo. Espere no local até chegarmos.

— Sim, estarei esperando.

A caminhoneta da polícia chega ao local, descem o inspetor Rodrigão, acompanhado de dois policiais militares.

A cena do crime: O casal de moradores, mortos a pauladas, após as investigações de praxe, a arma do crime, não foi encontrada. Uma investigação mais acurada levou os policiais a um galpão que distava mais de cem metros da casa onde houvera os assassinatos. O corpo de uma jovem foi

encontrado, disse o proprietário que a moça teria apenas vinte e poucos anos. A polícia concluiu que fora morta com uma tijolada na frente.

Logo o médico legista foi chamado.

As mãos da vítima estavam dilaceradas como que tivesse tentado impedir a agressão.

Carlos Ribeniche, o médico legista, deu por terminado o seu exame, ergueu-se e sacudiu o pó das calças. Olhou para o inspetor Rodrigo e disse:

— É tudo de vocês.

Rodrigo era um profissional, um homem de aspecto capaz, com uma folha de serviços impressionante. Tinha o cabelo cinzento e grisalho e refletia a postura de quem já vira tudo aquilo muitas vezes.

— O que é que temos? — perguntou Rodrigo.

— A causa óbvia é o amassamento do crânio, com perda de massa cefálica. Parece que o autor queria que morresse imediatamente.

O Casal recebeu diversas pauladas, com quebra de costelas e amassamentos no crânio.

E quanto à hora da morte?

O legista olhou para os corpos:

— Difícil de estabelecer. Imagino que o tenha sido há mais de seis horas. Dada a temperatura corporal e a rigidez cadavérica ainda não concluída.

Daqui a algumas horas, podemos dar um relatório completo, assim que o IML levar o corpo para a autópsia.

O local foi miudamente, vasculhado e fotografado, logo após, os corpos foram enviados para o IML.

Nos dias posteriores foi feito o que era possível para lançar alguma luz sobre os misteriosos assassinatos.

O proprietário da chácara custeou todos os sepultamentos.

Seguindo uma velha experiência, agentes da polícia civil ficaram de olho no cemitério durante os enterros. Todos os que compareceram foram rigorosamente observados.

Os assassinos retornam com frequência às suas vítimas para ver como são enterradas. O impulso para fazer isso deve ser maior do que o de retornar ao local do crime.

A polícia instaurou inquérito para investigar a matança.

Concomitantemente aos assassinatos foi preso um andarilho, que caminhava pela região e tinha sido visto nas cercanias do sítio no dia do aniquilamento. Rodrigão mandou prendê-lo para averiguações. O homem vestido com andrajos, carregando um saco com utensílio, foi encontrado acampado a beira da estrada e levado para o posto policial.

Ele parecia ser excepcional falava com dificuldade, compassando as palavras, que mal podiam ser entendidas.

Foi achada entre seus molambos, uma corrente de ouro com uma medalhinha de nossa senhora aparecida.

Quando perguntado, respondeu que há havia achado na rua. Chamado o dono do sítio, onde houvera a chacina, este identificou a peça com sendo da moça assassinada.

O errante foi interrogado exaustivamente e nada revelou, apenas disse que se chamava Leo e que havia encontrado a correntinha e que não tinha nada a ver com os crimes, dos quais estava sendo acusando. Em certo momento do interrogatório o homem chorou leve-mente, estendeu as mãos como um cego e caiu no chão como um fardo inerte. Nada mais lhe foi perguntado.

O inspetor, no fundo do seu âmago, sábia que o interrogado não era culpado daquele terror. Encostou-se na guarda da cadeira e olhou para seu pequeno relógio redondo de pulso. Em seguida deu uma olhada para a mesa, onde estavam às fotos dos crimes e pensa:

— *Não é possível, há algo errado nisso tudo, mas tenho de cumprir minha obrigação.*

Por haver um indício de prova, a correntinha que pertencera a uma das vítimas, foi obrigado a apresentar o caso à promotoria pública que decidiria se instauraria inquérito judicial, indiciando o suspeito.

À noite, quando se encontrava exausto em seu gabinete, relendo os protocolos, desanimado, deprimido, desapontado, resolve investigar quem eram as vítimas, procuraria na circunvizinhança alguma informação que o levasse a alguma nova hipótese da motivação dos crimes.

Na manhã seguinte, cedo levantara e se dirigiu as cercanias do sítio, onde houvera o brutal crime.

O vizinho mais próximo era um casal de velhos, que viviam sozinhos. Quando se apresentou como sendo inspetor de polícia, o rosto da velha senhora estava branco, os olhos arregalados e a respiração inaudível; no rosto de seu marido havia uma

expressão que poderia muito bem ter sido provocada pela reação de sua mulher.

Após haver explicado que queria apenas alguma informação sobre os assassinados no sítio ao lado, e que eles não eram suspeitos de nada, ficaram mais tranquilos e o convidaram a entrar.

A anciã disse que conhecia o casal e sua filha, mas que não os visitavam, pois, eram muito caseiros e somente saíam para ir à missa aos domingos e para fazerem compras, mas que o proprietário do sítio, poderia prestar maiores esclarecimentos sobre a vida de seus empregados.

A mansão do proprietário do sítio, ficava na estância, há mais de cem quilômetros e um pouco afastada das casas dos empregados, num imenso parque muito bem cuidado, mantido em ordem por um jardineiro. Larga escadaria de pedra conduzia do acesso de carros à entrada. O oficial da polícia contemplou o salão de entrada da mansão, um átrio com janelas que chegavam ao chão. Apesar da hora, o senhor José Leotário Silveira estava em casa e recebeu o inspetor e o levou para a biblioteca e a primeira coisa que fez foi oferecer uma bebida, que Rodrigo recusou — para desgosto de José Leotário, era fiel à regra de validade na polícia bebida e trabalho não se misturam!

O entrevistado serviu e tomou uma dose de wiski. Era a terceira ou quarta desde que recebera a

comunicação da visita da polícia, menos de uma hora atrás. Apesar disso, ainda estava em condições de dar respostas precisas às perguntas de Rodrigo.

As perguntas foram tranquilas, o inspetor queria saber, se a família tinha algum desafeto, se a moça tinha namorado e coisas desse tipo.

O entrevistado informou que o sítio tinha sido comprado por seu sogro, que o usava em tempos idos, para descansar o gado que enviava ao abatedouro. O que hoje não é mais necessário dado ao transporte rodoviário. Mas que mantivera o sítio com um casal de agregados, para não os desamparar.

As respostas foram precisas, quanto a parentes o entrevistado disse, que a família tivera um filho, que aos nove anos fora adotado por um tio, pois o garoto parecia sofrer de distúrbios emocionais. Nunca mais ouviu falar do garoto.

— Talvez o senhor não goste da próxima pergunta, mas ela é de importância decisiva: como era a postura de moça com relação aos homens?

— Entendo o que o senhor quer dizer... Não, ela era uma moça decente.

— O senhor sabe se ainda era virgem?

— Não, isto é, entendo que não era mais virgem. Mas também não era uma moça que mudasse de homem a cada semana. Tivera um namorado, mas o rapaz se mudou para outra cidade e eles terminaram o namoro.

— Sabe se ela namorava alguém ultimamente?

— Que eu saiba, não namorava ninguém ultimamente.

— Foi de grande ajuda as suas informações.

— Estarei sempre às ordens para ajudar na solução dos assassinatos, senhor inspetor.

Mal o inspetor chegou à delegacia, o comissário de plantão lhe informou:

— Inspetor! Tem um homem aí que quer falar com o senhor é sobre os crimes do sítio.

— Onde ele está?

— Tá na sala de interrogatório.

— Porque ele está lá?

— Disse que foi ele o autor dos crimes.

— Vamos ver o que esse cara tem a nos informar.

Adentrou na sala lá estava o homem, sentado à mesa, com os cotovelos apoiado e ambas as mãos no rosto.

Ao ver o inspetor, levantou a cabeça e olhou o demoradamente.

— Então você quer confessar os assassinatos do sítio?

— Sim, eu sou o assassino, quero ser interrogado.

Rodrigão olhou para o homem e logo pensou:

— *Esse cara é um doido varrido, só pelo aspecto já da para ver. No mínimo quer gozar da minha cara. Vou dar corda para ele se enforcar.*

— Qual é o seu nome? — perguntou o inspetor.

O confesso assassino arreganhou um sorriso.

— Pelo que me lembre, Jorge.

— Sim, é o que está escrito em seus documentos. Mas é mesmo seu verdadeiro nome?

— Se está nos documentos, claro que é — respondeu o interrogado.

— Não foi isso o que eu disse. Quantas vezes você já os perdeu?

— Meus documentos?

— Sim. Eu sei que eles já foram renovados.

— Algumas vezes. Não sei dizer ao certo.

— Está vendo? Eu sei como vocês fazem a coisa. Quando perdem os documentos, entram satisfeitos no registro civil mais próximo e pedem segunda via. De graça, é claro.

E muitas vezes o registro civil não tem outra opção a não ser confiar nos dados que vocês fornecem. Uma vez eu lidei com um cara que trocou de nome mais de quatro vezes no decorrer de um ano. E você? Já trocou de nome alguma vez?

— Não senhor, este é o meu nome verdadeiro.

— O que é que você faz atualmente?

— Era bancário, senhor inspetor.

— Era, e agora o que é?

— Sou desocupado, não consegui mais emprego.

— O que foi que o levou a praticar os assassinatos?

— Não sei deu-me uma loucura, e quando eu vi, já havia matado as três pessoas.

— Diga o que foi fazer no sítio?

— Eu tava olhando para a garota e fui pegar ela, quando apareceram os pais, e aí, eu tive de matar a todos.

— Matou-os ao mesmo tempo?

— Sim, eu me assustei e comecei a dar pauladas neles.

— Cai fora seu vagabundo doido, você não matou ninguém.

Se aparecer aqui novamente, vou mandar baixar o sarrafo em você.

O homem saiu e Rodrigão pensa:

— *Se vou perder tempo com esse maluco, nem sabe como os crimes aconteceram. Interessante é investigar o filho do casal, mas como vou achá-lo?*

O andarilho foi indiciado por crime doloso, isto é com intenção de matar e fora confinado no presídio estadual de Rio Grande onde aguardava seu julgamento.

O inspetor Rodrigão, enquanto isso continua suas investigações, pois não acreditava que o andarilho fosse o assassino.

Sentado à frente de sua escrivaniana ele pensava:

— *O cartório me informará o nome do garoto, que por sinal deve ser adulto há muito tempo.*

O registro de nascimento constava Marsal Medina, nascido em 28 de maio de 1972.

O DETRAN informou todos os dados do procurado e seu domicílio.

## CAPITULO II

### CAMINHANDO NA PRAIA

#### ANO DE 2010

Em seu cérebro estavam nítidas as imagens que lhe causavam tão grande desgosto. Podia ver o semblante do magistrado, insistindo na conciliação, tudo para sua esposa e quase nada para ele. Podia ver a expressão no rosto de seu filho, de dez anos, parecia que o olhava com pena e compaixão.

Seu advogado chamou-lhe atenção para o fato que o pior acordo, seria melhor que a mais benevolente decisão judicial, pois o Juiz se mostrava visivelmente a favor de sua mulher, que ficara com a guarda do filho.

Concordou em ficar com o carro e com o apartamento de Capão da Canoa, teria de se

refugiar em algum lugar. O carro lhe serviria para se mover sem saber para onde, mas poderia fazê-lo quando bem lhe conviesse.

Atônito saiu da audiência, estava tudo terminado, sua esposa não lhe pedira qualquer ajuda para criar o garoto, pois de antemão sabia que ele não ganharia dinheiro nem para sustentar o seu vício e que o seu fim estaria próximo.

Deu a partida no carro, com o cascalho jorrando sob os pneus. Estava sóbrio, não se arriscaria comparecer na audiência embriagado.

Chegara a Capão da Canoa, por volta das dezenove horas. A cidade estava quase deserta, pois, o vento frio açoitava tudo o que vinha pela frente. Seu apartamento, no quinto andar de um edifício-grande, agradável à vista, com seis andares. O AP que a muito estava fechado e cheirava a mofo. As portas, comidas por cupins, deixaram o piso cheio de farelos de madeira e outros resíduos. Abriu a janela frontal para arejar, mas teve logo de fechá-la, pois o vento invadiu o ambiente movendo tudo o que estava solto. Um vaso de porcelana, com algumas flores artificiais, despencou no piso, quebrando-se. Procurou pelo apartamento todos e não encontrou qualquer tipo de bebida, sua mão já começa a tremer por falta de álcool. Resistiu, tomou um banho e jogou-se na cama, o cansaço era grande motivado por um dia interminável com extremas tensões. O sono logo veio seguido do

pesadelo que o atormentava a tempos. Ela quer soltar outro grito, debate-se, chuta para trás... Um murmúrio incontido penetra em seus ouvidos. Seus olhos expressam terror. Terror e medo da morte. Um objeto duro choca-se contra sua cabeça e ela desfalece e logo tudo se torna escuro.

O homem desfechava golpes com uma acha de lenha, em pessoas, às quais, não podia ver nitidamente. Via os corpos caídos no solo, mutilados pelas pancadas. O agressor saía discretamente do local, carregando a arma do crime. O assassino tinha uma aparência inusitadamente sombria, sua face da cor de cera de tão pálida. Gesticulava com a mão esquerda e com a direita apertava a acha de lenha que lhe servira de arma mortífera.

Acordou em sobressalto, o suor corre-lhe das axilas, as têmporas lhe doem, os ouvidos zuniam. Levanta, toma uma ducha e se acalma, por algum momento, olha o relógio que marcava duas horas e vinte e cinco minutos. Pensa sair e tomar alguma bebida, mas desiste, já é muito tarde, nada estará aberto. Passava das quatro horas da manhã quando ele adormece novamente.

As dez horas, acordou, colocou seu abrigo de inverno e deixou o edifício a procura de um lugar que lhe servisse um dejjum.

Foi numa lancheria as duas quadras do edifício que ele conseguiu uma xícara de café e dois sanduíches, que lhe servira de dejejum.

Rumou para a praia. Os tênis martelavam o cimento rachado da calçada, a respiração produzia um ruído áspero na garganta seca e fria. A cabeça começou a latejar com força. Uma parte mordaz de sua mente lhe perguntava se ele seria capaz de correr, se ainda aguentaria correr uns poucos quilômetros? Naquele momento se considerava livre, pois aos trinta e oito anos, saíra de uma relação conturbada, que o deixara quase que sem fundos, a maioria dos bens ficara com sua cômuge e com os vorazes advogados. Não culpava sua esposa, atribuía tudo a sua ausência na igreja, seu lugar cativo nos bares da capital gaúcha e seu vício de embriagues. Não abrigava a menor dúvida que estes teriam sido os motivos de sua derrocada.

Marsal Medina, homem de altura acima da média, teria um metro e noventa, pesava noventa e sete quilos. Seus cabelos castanhos escuros, com corte mediano, caíam para ambos os lados, deixando aparecer duas entradas nas laterais, que anunciavam o início de uma grande calva. Sua barba, bem aparada, com fios de aproximadamente um centímetro, lhe cobria todo o rosto.

Caminhando, a passos largos, chegou à praia, onde havia apenas dois pescadores, com seus caniços lançados. Encetou sua caminhada ao longo da

praia, forçando o passo para aquecer o corpo enregelado pelo vento. Logo começou a correr moderadamente. Já estava ofegante, quando avistou ao longe uma figura que caminhava solitária. Ao se aproximar pode ver que se tratava de uma pessoa do sexo oposto. Interrompeu a corrida para poder melhor apreciá-la, voltando a caminhar com passos lentos. Olhando-a atentamente pode ver que se tratava de uma mulher de corpo esguio, com altura aproximada de um metro e oitenta, corpo bem formado, pois enchia o abrigo, aparecendo os contornos de seus glúteos. Cobria-lhe a cabeça um capuz que não deixava aparecer sequer os cabelos. E, ele imaginava como seria seu rosto, em forma delicada, talvez uma pele morena, lábios em forma de coração, os olhos dançantes, dum verde profundo, os abundantes cabelos crespos e castanhos. Ah! Sem dúvida. Uma destas criaturas que se enclavinham na nossa memória — e nos perturbam nas noites de insônia.

A sua frente à figura mais imaginativa do que real, de quando em vez abria os braços longos e saltava delicadamente um córrego que cortava a praia para terminar no oceano.

Ele a imagina como uma garça em movimentos compassados pela leveza como se movimentava.

Diminuiu o passo, pois não queria ultrapassá-la e perder a imagem que tinha a sua frente. Embora desejasse ardentemente ver seu rosto, no entanto, isso poderia ser feito mais adiante.